PQ9261
.G76
M6
1926

MOCIDADE PERDIDA

TEIXEIRA

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA

BOOK CARD

Please keep this card in book pocket

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.G76
M6
1926

a 00001 42025 1

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.

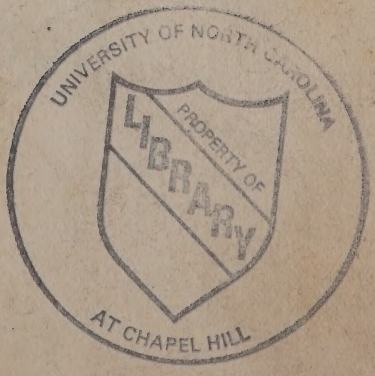
Form No. 513

FAUSTO GUEDES TEIXEIRA

Mocidade Perdida

(SEGUNDA EDIÇÃO)

LISBOA
MCMXXVI



A Armando d'Araujo,
o seu grande admirador
e amigo

Out.
1926.

Gustavo Teixeira.

702

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
PROPERTY OF
LIBRARY
AT CHAPEL HILL

Mocidade Perdida

PQ9261
.G76
M6
1926

FAUSTO GUEDES TEIXEIRA

Mocidade Perdida

(SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
MCMXXVI

Á mais bondosa e linda portuguesa,
Que alma de poeta português amou,
Toda cheia de graça e singeleza,
Como a sonhei e Deus a realizou;

Á que trouxe do céu para o meu seio
Tudo o que nele encontro d'infinito,
E não é mãe, porque o Messias veio,
E o livro desta pátria está escrito;

Ao seu supremo coração, que encerra
O confôrto melhor p'ra a maior pena,
E ás rosas, que ela tem da nossa terra,
Á flôr das suas faces de morena;

Aos seus enormes olhos portugueses,
Com todo o céu no fundo da retina,
Formosos e tristissimos ás vezes,
Como os olhos da linda Catarina;

Aos seus finos bandós que semelhantes
A asas, subindo como o pensamento,
A levam para os astros mais distantes
E a mim p'ra alem do próprio firmamento;

Áquela que eu juntei ao meu destino
E que, nas minhas noites de vigilia,
Tem na sua voz d'oiro o som divino
Da harpa que tocou Santa Cecilia;

Á que, tão bela como o sol no mar,
Excede a mais esplendida quimera,
E que, á volta do inferno, hei-de encontrar
No céu, toda de branco, á minha espera;

Á que eu vejo passar cingida á treva,
Cheias d'esmolas suas mãos formosas,
E que, ao perguntar-lhe o que ali leva,
Me estende sempre as mãos cheias de rosas;

Ao que eu tenho de bom e é apenas ela,
Ao que em mim ha de grande, e é ela ainda,
Á que me torna a existência bela
E me faz crer numa outra ainda mais linda;

Ao meu anjo da guarda, que me embala
Entre os seus braços, como no meu berço,
Tão bôa como o céu de que ela fala,
Tão docil como um vime ou como um verso;

Ao nosso grande amor a que Deus hade
Dar a ventura que ela só mereça,
Amor eterno cheio da saudade
Do que termina e a fé do que começa ;

Eu dedico este livro de paixão,
Paginas tristes, uma ou outra bela,
Em que palpita o pobre coração,
Que tinha um dia de bater por ela.

ADORAÇÃO

Ilumine-me o peito o que ilumina
Tudo quanto ha de grande e d'imortal,
Que principia em Deus e em Deus termina.

Porque eu canto uma alma sem igual,
É que eu canto a mais linda criatura,
Que ha debaixo do céu de Portugal.

As suas asas levam-na p'ra a altura
E eu quizera-a, descida do infinito,
Em toda a sua graça e formosura.

Falta-me o génio de que necessito
Para que possa ouvir-se em todo o mundo
O que eu pensei aqui deixar escrito.

Mas se não ha na terra mais profundo,
Amor, do que este amor com que retenho,
Junto do meu, seu coração jocundo,

Eu não preciso d'arte nem d'engenho,
Basta a paixão, que tenho no meu peito,
P'ra a dar tão grande quanto em mim a tenho.

Da Beleza e do Bem, causa e efeito,
Se tão perfeita ela é, verso que o diga,
Não poderá deixar de ser perfeito.

Ha de ter todo o verso que a bemdiga
Um pouco da sua alma d'excepção,
Sua forma gentil de rapariga.

Comigo, ajoelhará tambem no chão
E a toda a parte levará, agora,
O seu, que é hoje o nosso coração.

Dei-lhe eu consolações p'ra o que se chora,
Ela o supremo ardor com que se abraça,
Nós dois a adoração com que ele a adora.

E fêz-se um coração onde a desgraça
Inutilmente buscará entrar,
Pois eu o enchi de fôrça, ela de graça.

A minha amada, o mundo por altar,
É uma custodia d'oiro preciosa
Co'a hostia dentro, como o sol no ar.

Linda como nenhuma, a linda rosa,
Que no seu terno peito é o seu pudor,
Traz-lhe ás faces a alma luminosa.

É uma flôr que vive noutra flôr,
Tal como no misterio do meu seio,
Amo, como eu a amo, o nosso amor.

Coração dela e meu, abre-te ao meio!
É preciso, ao mostrá-la a toda a gente,
Fazê-lo sem a sombra dum receio.

Deus olha para ti! O que se sente
É o melhor oiro que êste mundo encerra;
Tudo o que sintas vive eternamente.

Tudo vence a paixão, tudo descerra,
E essa mulher, que a vida te ilumina,
Poeta algum ainda a sonhou na terra.

Ela é mais do que as outras; da divina
E mais secreta essência do seu sêr
É que Deus fêz essa alma diamantina.

Mocidade Perdida

Anjo do ceu, antes de ser mulher,
Quando eu a vejo é o próprio Deus que eu vejo,
Quando a não vejo é porque o não sei ver.

No entanto, ha nos seus olhos um desejo
Todo da terra, em que o seu sangue exulta,
Como um beijo que pede um outro beijo.

Então a sua beleza cresce, avulta,
E vê-se-lhe o seu rosto perturbado,
Que não sabe ocultar quem nada oculta.

Sonho d'amor, por todos nós sonhado,
Daquela, que adorais imensamente,
Nela vive de todas um bocado.

E, assim, a minha voz, alegremente,
Celebrando, cantando essa mulher,
Canta a mulher que sonha toda a gente.

É abrir os olhos e em seguida ver!
Existe sôbre a terra o que sonhamos,
Póde atingir o céu quem o quizer.

Não nos baste a primeira que encontramos;
Busquemos sempre e sempre e sem parar...
As estrêlas estão p'ra aquem dos ramos.

Vêde-las longe? É uma ilusão do olhar!
Eu antes d'encontrar a minha amada
Vezes sem conta a procurei no ar.

E tão humana ela é, como adorada,
Que ao coração dos dois trouxe a certeza
De que, p'ra alem do amor, não ha mais nada.

Incarnação suprema da beleza
E meu constante e suspirado anhelo,
Pudesse eu dá-la aqui mas com grandeza!...

O seu cabelo, e eu nada vi mais belo,
Ergue-se em ondas sôbre a imensidade
E a escuridão do mar do seu cabelo.

É um mar, mas um mar em tempestade,
Seu cabelo que, nua, bastaria
Para cobrir a sua divindade.

E, no entanto, eu nada vos diria,
Se, negro como êle é, não ajuntasse
Que ha sempre em tôrno dêle um claro dia.

É como um resplendor, que se ajustasse
Aos seus bastos cabelos deslumbrantes
Como um beijo se ajusta á sua face.

E como dar-lhe os olhos palpitantes,
Com milhões d'estrelinhas para o fundo,
Como viam no céu meus olhos dantes?!

Os seus olhos, meu Deus! onde ha no mundo
Côr ou som ou palavra que defina
O sol que os enche e com que esta alma inundo?!

Onde ha voz que lhes cante a luz divina?!
Verso que marque o seu mais leve traço?!
Ó Camões, como foi a Catarina?!

Se os beijo, p'ra ver neles todo o espaço,
Êles fecham-se logo e eu nada vejo
Senão depois de findo o meu abraço.

Pois no papel, por mais que eu o desejo,
Seus olhos imortais que sei de cór,
Ficam tambem debaixo do meu beijo.

Sei lá pintar, sei lá dar uma côr!
A poesia é o sentimento apenas;
Se eu soubesse pintar, era pintor.

Alma que afasta as mais pesadas penas,
É a mais terna de todas as mulheres,
E a mais linda de todas as morenas.

E agora, coração, que é que tu queres?!
Suas longas pestanas como são?
Eu só sei como são os meus prazeres.

As suas sobrancelhas era em vão
Que eu tentaria dá-las, tão cerradas
Como uma dôr nos cerra o coração.

E o seu corpo? Ó estátuas celebradas,
Ajoelhai comigo ante a beleza,
Vós não sois mais que formas apagadas.

Seus movimentos cheios de firmeza,
Nesse corpo de deusa, marcam bem
Os mais formosos dons da natureza...

Pintá-la?! Não, não sei! Tudo o que vem
P'ra mim, da sua forma iluminada,
Não o sei dar nem o dará ninguem.

Ha três horas a alma debruçada
Sôbre esta fôlha de papel tão fria,
Não a deixei aqui nem indicada.

Acabou-se! Que importa?! E é quasi dia!
Que a derradeira estrêla que se suma,
Continue no céu esta harmonia.

Manhã nevoenta, fica dentre a bruma,
Que envolve a natureza, o vulto dela
E a alma, que tem, maior do que nenhuma.

Só no meu coração consigo vê-la;
Fóra de mim, eu não a encontro em nada:
É que não ha no mundo outra tão bela...
Nem no mundo foi outra tão amada.

DOR INFINITA

MORRE o sol para o longe. Á minha roda,
Ha um vago misterio, em que se sente
A terra palpitar...
Lanço os meus olhos para a vida toda,
Subo-os, depois, ao ceu ansiosamente
E fico-me a chorar.

Duma grande tristeza a alma se ensombra;
Acendem-se as estrelas pelo espaço,
A noite cae emfim...
E eu, que preciso a luz, encontro a sombra,
Ergo os braços e abro-os num abraço
E só me abraço a mim.

A voz do mar ecoa moribunda;
Entre nuvens dum negro carregado,
A lua surge a espaços...
Mas é-me em torno a escuridão mais funda...
Quem vem lá? quem vem lá? grito assustado,
E escuto os proprios passos.

Que imensa dôr eu sinto neste instante!
E como, p'ra os meus ombros, é pesada
A cruz que Deus me deu!...
Ninguem p'ra traz de mim e p'ra diante,
Por mais que force a vista alvoroçada,
Ninguem nem mesmo eu.

Nem mesmo eu! E ela? Eu não a via,
Debruçado, que estava, para o fundo
De todo o meu sofrer!...
Tão cheia de tristeza e d'agonia,
Quando cruzei com ela neste mundo,
Vi o meu proprio ser.

Supremo coração todo inocencia,
Que vem nos olhos seus abrir-se ao meio,
Como o do Cristo, em chama,
Fe-lo Deus do mais puro da sua essencia,
Dando ao meu coração o terno anseio
Com que ele a adora e ama.

Ama-la?! Amo-a de certo! Astro bemdito,
Á doce luz que espalha eu heide vêr
Na minha escuridão!...
Mas, sendo assim, porque é que assim hesito?
Porque é que o coração fala em morrer?!
Porque é que morro então?!

Pois porventura ha uma mulher mais bela?
Não é o seu olhar piedoso e brando,
Cura p'ra toda a ferida,
E enorme essa alma. para encontrar nela
O que sonho, sonhei e o que sonhando
Eu fôr querendo da vida?!

Mas eu sinto o meu sangue regelado,
Meus braços fortes ficam-me pendentes
Sem procurar os seus,
Emquanto pelo azul todo estrelado
Os meus olhos lá vão, como doentes,
Que andem a ares nos ceus.

Um misto d'ideal e realidade,
Eu não sei bem ao certo onde começa
E finda essa visão!...
É mais que a formosura, ela é a bondade!
Mas amo-a? Coração, vamos, depressa
Dize se a amo ou não.

Espero e, então, o coração ansiado
Diz que eu a amo dum amor perfeito
Cheio embora de dôr...
Desçam do ceu os anjos p'ra o seu lado
E Deus venha habitar todo o meu peito,
Se ela me tem amor.

Ama-te diz a folha que, tombando,
Recorda a flôr em que sorriu á vida
Toda a sua ilusão...
Ama-te, diz o sol, ás tardes, quando
Tem para toda a terra, á despedida,
Um ultimo clarão.

Ama-te, diz o vento tristemente
Imitando-me a alma quando chora
O bem que ela perdeu...
Ama-te, diz tudo o que sofre e sente
E diz-mo, do ceu alto, a luz da aurora
Mostrando-ma no ceu.

Ama-te, diz a onda que á subida
Da praia hesita e que, passado um instante,
Tenta subi-la em vão...
— Tu não deixes fugir agora a vida,
Olha que é negro tudo p'ra diante!
E eu... não a amo, não!

IBLIOGRAFIA

«Mocidade Perdida», por Guedes Teixeira

to Guedes Teixeira, que o ano passado
u, depois de um longo periodo de si-
o extraordinario volume dos «Sonetos
ior», publicou agora, completamente
cada, a sua «Mocidade Perdida».
todos os grandes artistas, que nunca
stram satisfeitos com a sua obra e
nto mais a aperfeiçoam quanto maior
de vezes a revêem, Fausto Guedes
1.ª edição do seu livro formosissimo
sformou-a quasi por inteiro.
é facil tarefa para quem, como nós,
lufa-lufa dos jornais, mal tem tempo
lear um livro de versos e surpreen-
toda a beleza, falar do poeta magni-
le em terras da Beira continua en-
no seu sonho e erguendo, para re-
lo seu espirito e deslumbramento de
ós, a admiravel catedral da sua obra.
o Guedes Teixeira é hoje um dos
s poetas de Portugal. Incapaz de es-
um verso que não corresponda de al-
odo a um estado de alma e não tra-
m toda a sua esplendida magnificen-
ansia de perfeição que o domina, vai
lo em cada livro que publica muito
vida e dos seus nervos, consumindo-se
paredas da sua inspiração, em holo-

REIS NO EXILIO

nnel de Bragança, rebusca-
or de antiguidades e bi-
bliografo

nuel de Bragança, que em Portu-
itos apontam como um senhor de-
o, gastando seu tempo de exilio em
torneios de «bridge» e «tennis», pa-
que dizem varios jornais—que se está
lo a estudos e trabalhos bibliografi-
erto vulto.
ra um livro, um catalogo dos li-
ressos em Portugal desde as primei-
licações de inconabulos, até aos co-
o seculo XVII. E consta mais que
será acompanhada de 700 preciosas
s.
assim, os nossos bibliografos, mes-
ue são devotados republicanos, exul-
felicitar-se-ão de ter no seu gremio
de Portugal.

Guedes Teixeira

á arte que o escolheu entre os seus
em obediencia á imortalidade que o

dos os seus livros perpassa um sopro
de paixão e grita uma alma seden-
mor. Mas nem o sopro queima como
abrasador do deserto, nem o grito
ouve é de maldição ou de angustia.
nas suas queixas mais sentidas e
s exclamações mais dolorosas de re-
o poeta ergue triunfante e orgu-
seu coração como um despojo sagra-
a que o sol o doire com a sua luz
femininas o guardem piedosamente.
to o sofrimento o esfarrapa e a vida
de lançadas. Ele canta e confia sem-
ação amoroso de um português de
bolo palpitante de uma raça, que
enturas e paixões vai fazendo o seu
e a toda a parte leva, com as
rimas e o seu desvairo, o nome da
a, e a grandeza da sua alma.

A ESPERANÇA

é imenso e como a gente
que faça em nada o abrevia!...
ssa de repente
uco uma alegria.

á hora do poente
roz melancolia;
e logo se pressente
tão grande como o dia.

amar as crianças, soube escre
livro maravilhoso, graças ao q
tos e tantos portugueses têm ap
a lêr as obras primas da sua li

A quantia com que esses mil
crianças vão concorrer, será
para que o esforço seja igual-
pequenina como os que a ofere
cil de dar até ás mais pobrezi
todas, para que a pobreza em q
não represente um obstaculo á
ção desse acto carinhoso e patri

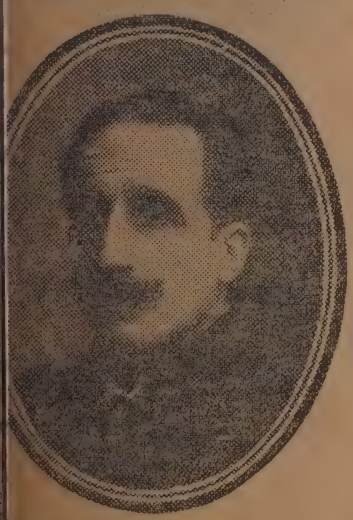
E porque a subscrição que vai
tem um aspecto excepcional, c
por isso, arquivar os nomes de

dores não se pôde efectuar, em
heroica resistencia oposta pelos
selheiros Julio de Vilhena e
Metelo. E ainda ha almas dan

BLIOGRAFIA

«Mocidade Perdida», por Guedes Teixeira

o Guedes Teixeira, que o ano passado
u, depois de um longo periodo de si-
o extraordinario volume dos «Sonetos
ior», publicou agora, completamente
ada, a sua «Mocidade Perdida».
todos os grandes artistas, que nunca
tram satisfeitos com a sua obra e
ito mais a aperfeiçoam quanto maior
de vezes a revêem, Fausto Guedes
.ª edição do seu livro formosissimo
formou-a quasi por inteiro.
facil tarefa para quem, como nós,
ufa-lufa dos jornais, mal tem tempo
ear um livro de versos e surpreen-
toda a beleza, falar do poeta magni-
e em terras da Beira continua en-
no seu sonho e erguendo, para re-
o seu espirito e deslumbramento de
ós, a admiravel catedral da sua obra.
Guedes Teixeira é hoje um dos
poetas de Portugal. Incapaz de es-
um verso que não corresponda de al-
do a um estado de alma e não tra-
m toda a sua esplendida magnificen-
nsia de perfeição que o domina, vai
o em cada livro que publica muito
vida e dos seus nervos, consumindo-se
aredas da sua inspiração, em holo-



Guedes Teixeira

arte que o escolheu entre os seus
em obediencia á imortalidade que o

los os seus livros perpassa um sopro
de paixão e grita uma alma seden-
nor. Mas nem o sopro queima como
abrasador do deserto, nem o grito
uve é de maldição ou de angustia.
nas suas queixas mais sentidas e
exclamações mais dolorosas de re-
o poeta ergue triunfante e orgu-
seu coração como um despojo sagra-
que o sol o doire com a sua luz
emininas o guardem piedosamente.
o o sofrimento o esfarrapa e a vida
de lançadas. Ele canta e confia sem-
ção amoroso de um português de
olo palpitante de uma raça, que
enturas e paixões vai fazendo o seu
e a toda a parte leva, com as
rimas e o seu desvairo, o nome da
e a grandeza da sua alma.

A ESPERANÇA

é imenso e como a gente
que faça em nada o abrevia!...
ssa de repente
uco uma alegria.

á hora do poente
roz melancolia;
e logo se pressente
tão grande como o dia.

Fausto Guedes Teixeira é tambem
português de todos os poetas do nos-
o, aquele que melhor sabe traduzir,
nonia inegualavel dos seus versos e
plicidade extraordinaria das suas ri-
maneira de amar da nossa gente.
os seus livros é claridade e ternura,
infinita e infinita misericordia. Dir-
e o poeta aprendeu no muito que
e no muito que amou a resignação
ntes e a humildade dos santos, achan-
a e sempre em cada lagrima e em
leio uma nova fonte de beleza e um
otivo de sacrificio.
onde ele atinge a maior elevação é
eira como nos apresenta a mulher
o condão de impressioná-lo. Ao falar
do no poeta é harmonia e graça, re-
de e doçura. O mundo transforma-
paraiso divino, onde seres e coisas
m para ela, no proposito unico de
e amá-la, fazendo-lhe realçar a be-
ntoando-lhe os louvores que no cora-
poeta se erguem como uma nuvem
nso em turibulo de oiro:

dela é meu, abre-te ao meio!
iso, ao mostrá-la a toda a gente,
sem a sombra dum receio.

lha para ti! O que se sente
lhor oiro que este mundo encerra;
que sintas vive eternamente.

ence a paixão, tudo descerra,
mulher, que a vida te ilumina,
lgum ainda a sonhou na terra.

nais do que as outras; da divina
secreta essencia do seu ser
Deus fez essa alma diamantina.

céu, antes de ser mulher,
eu a vejo é o proprio Deus que eu vejo,
a não vejo é porque o não sei ver.

outra poesia:

no dela tudo se curvára,
céu, para o fundo do horizonte,
a agradecida que a criára.

a estrela de Moisés na fronte
ela tambem, dominadora,
n nada que fira ou que amedronte.

lto, o sol brilhava mais agora,
lo o que tocava de doçura,
udo em que a vista ela demora.

ar mais silencio e mais altura
Deus no céu, em todo o mundo
penas uma criatura.

uanto de grande tem no fundo
, no seu ventre, florescia
o do beijo mais fecundo.

a, a côr, o proprio som morria...
n-se, de certo, nos espaços,
as almas por aquele dia.

.....

o a sei eu dar; nada a retrata!
omparo, a melhor comparação
no-a por fraca e inexacta.

lo modo com que estende a mão,
quenina como branca e leve,
que dá sempre o coração.

o o coração, a boca breve,
fina boca o que é que tem
que as outras, que se não descreve?

ha na nossa poesia nada mais liri-
é expressivo e mais profundamente
o. E se para aqui trasladassemos toda
idade Perdida», em toda ela o leitor
aria a mesma espiritualidade e a
beleza, em versos admiraveis, que
grande, um extraordinario poeta é ca-
escrever.

ULTIMA ESPERANÇA

Como um dia é imenso e como a gente
Por mais que faça em nada o abrevia!...
Só a ventura passa de repente
E só demora pouco uma alegria.

Desde a manhã á hora do poente
São seculos d'atroz melancolia;
Mas cae a noite e logo se pressente
Que ela vae ser tão grande como o dia.

Não pode a minha vida ser peor!
No entanto, apesar d'enfraquecida,
Uma esperança oculta a minha dôr.

Que o tempo corra a ver se muda a sorte!
E eu não me lembro, desejando a vida,
Que me aproximo mais e mais da morte.

TRISTEZA IMENSA

Como a linda mulher do soneto d'Arvers,
Nestes versos poisando os olhos condoida,
Tu has-de perguntar: — quem é esta mulher?
E, como Arvers, jamais eu o direi na vida.

Basta que o grande amor, por que ele foi sublime
E em que ao seu coração quiz o meu irmanado,
Me faça perdoar, a mim proprio, o meu crime
E te faça feliz como eu sou desgraçado.

A toda esta distancia, eu sei quem era aquela
Que Arvers ergueu aonde a vista mal a alcança...
Era bela? De certo, imensamente bela,
A mais linda mulher que ainda existiu em França!

Só a maior beleza arrancaria á lira
E a bondade maior daria um hino igual
Ao amor que ali vive, ali sofre e suspira,
Que ele disse tão bem e que eu direi tão mal.

No entanto ha de comum entre ti e a sagrada
Criatura do canto esplendido d'Arvers,
Que ela foi como tu imensamente amada
E nunca essa paixão ela a veio a saber.

E, se o amor é a dôr, mesmo o recompensado,
E o não recompensado é tão triste e infeliz,
Ha um amor maior e bem mais desgraçado
De que se morre sempre e é o que nunca se diz.

É esse que ilumina esta folha dum dia,
Que, mais que outra qualquer, escrevi a chorar
E que é o ceu que se vê e a que se renuncia,
O beijo que se quer e não se deve dar.

É esse amor que a mim me deixa satisfeito
Por me ter dado, emfim, inteiramente a alguem,
Esse, que é o infinito e cabe no meu peito,
Que é Deus, que está em tudo e que ninguem mais tem.

Como deve ser lindo o teu corpo de neve!
Como num longo abraço essa alma ha-de ser boa!
É tão grande a paixão e esta vida é tão breve!...
Se tu... se eu... mas não! Enlouqueço! Perdôa!

Como o amor nos faz! Perdôa! Não, não devo
Levar á tua vida uma lagrima, não!
E, se o meu coração fica no que eu escrevo,
Não o deixes falar quando o tiveres na mão.

Que me encontre sosinho, através do deserto,
P'ra ti toda a ventura e p'ra mim toda a dôr,
Se eu não posso dizer-te: — eu amo-te, de certo
Posso dizer-te: — eu morro, e morrer deste amor.

AMOR ETERNO

O teu piedoso amor p'ra que esconder-mo,
Se a tua indiferença não me ilude?!
Para mostrar saude um corpo enfermo,
Não lhe basta o desejo da saude.

Olha p'ra o rio, que ali passa, em frente;
Foge? Parece mas não foge, não!
Em cada gota d'agua da corrente
Ha uma onda, que volta ao coração.

Tu julgas que entre nós ha um deserto
E é debalde que tentas enganar-te;
Se tu me tens no coração, tão perto,
Como has-de tu de mim distanciar-te?!

Uniram-nos na terra as mesmas penas,
Soltamos para o ceu os mesmos ais,
P'ra os outros foste uma mulher apenas,
Mais ou menos formosa, e nada mais.

Portanto, aquela que eles viram, nada
Tem em si de divino, é tudo pó;
Mas outra ha dentro em ti, e essa é sagrada,
E essa sabes tu que a vi eu só.

Não é sem eco a dôr que por nós roça,
Todo o soluço tem a mesma voz
E uma luz ha em nós, que não é nossa,
A luz dos olhos, que nos vêm a nós.

Vias-me sempre triste e a ti, Maria,
A tua inquieta alma perguntava,
Se eu te amava, porque t'o não dizia?
Se eu sofria, porque é que me calava?!

E jamais quiz, em toda a minha vida,
Dar-te a razão por que te amei assim;
Foi muita dôr a muito orgulho unida,
E muito amor de ti e amor de mim.

Amor de nós, de mim, de ti, Maria,
Visto que seja de qualquer maneira;
Se só p'ra ti felicidade queria,
Só de mim queria que te fosse inteira.

Eu era um poeta. E o mundo que criamos
P'ra os muitos corações que estremecemos,
Está mais nas acções que praticamos
Do que nos proprios versos que escrevemos.

E, se ás nossas acções as enaltece
O que apenas de Deus no-las inspira,
O que, por um instante, o não parece,
Já nos macula como uma mentira.

Comprehendes, agora, com certeza,
Toda a razão do meu retraimento,
Em que havia a maior delicadeza
Como havia o mais vivo sofrimento.

Mas a vida mudou. E, d'hoje em diante,
Sem bem saber o que p'ra ti me impele,
Eu vejo só um coração amante,
Longe d'um coração, que vive dele.

E, saudoso de tudo o que não tive,
Minha dôr vem lembrar á tua dôr,
Que em qualquer parte ha um canto onde se vive
E nele um ninho para o nosso amor.

MARIA

Não foi á entrada duma catedral
Que eu encontrei, como Camões, aquela
Que é hoje para mim tudo afinal.

Foi numa rua que eu cruzei com ela,
Como outrora, nas ruas de Florença,
Já outro poeta se voltára ao ve-la.

Duma imensa beleza e graça imensa,
A sua estranha alma parecia
Estar das mãos de Deus ainda suspensa.

E, vendo-a á clara luz linda do dia,
Eu senti que o meu forte coração
Adentro do meu peito mal batia.

Até que emfim a esplendida visão
Dos meus sonhos de sempre se encarnára,
Conseguindo a mais alta perfeição.

Em torno dela tudo se curvára,
Desde o ceu, para o fundo do horizonte,
Á terra agradecida que a criára.

A mesma estrela de Moysés na fronte
Trazia ela tambem, dominadora,
Mas sem nada que fira ou que amedronte.

E, ao alto, o sol brilhava mais agora,
Enchendo o que tocava de doçura,
Como tudo em que a vista ela demora.

Tinha o ar mais silencio e mais altura
E, como Deus no ceu, em todo o mundo
Havia apenas uma criatura.

Tudo quanto de grande tem no fundo
A terra, no seu ventre, florescia
Animado do beijo mais fecundo.

A forma, a côr, o proprio som morria...
Amavam-se, de certo, nos espaços,
Todas as almas por aquele dia.

As arvores cingiam-se em abraços,
Um espasmo d'amor cada atitude,
Nos ramos os mais languidos cansaços.

E ela surgindo em toda a plenitude
Da vida, no prazer que a vida encerra,
Era a imagem da Força e da Saude!...

No fundo azul do ceu, de serra em serra,
Iam aves em bando . . . O mar enchia
De sangue novo o coração da terra.

E, toda a terra cheia d'alegria.
Por cada folha, que tombava ao chão,
Nasciam mil, ao sol daquele dia.

Meu sangue em seiva transformado, então
Corria pelos troncos, dava as flores
E voltava a agitar-me o coração.

As aves celebravam mais amores,
As arvores esperavam os seus frutos
E toda a alma o fim das suas dores.

Pela primeira vez d'olhos enxutos,
Eu via Deus no ceu a toda a hora
E sobre a terra a todos os minutos.

Só alegrias pelo mundo fóra,
Trazia o vento, a espaços, o perfume
Que das rosas e almas se evapora.

Nem nas fontes a sombra dum queixume;
Toda a boca faminta ia ter pão,
Todo o corpo com frio ia ter lume.

Sentia-se que, se ela erguesse a mão,
Ficaria suspensa do seu gesto,
Nesse momento toda a criação.

No ar a luz do seu sorriso honesto,
Os encantos da sua mocidade
Pareciam misturar-se a tudo o resto...

Mas como descreve-la com verdade,
Se eu não posso juntar no pensamento
Toda a beleza á maxima bondade?!

Coração co'o o mais alto sentimento,
É nos raios do sol que ele se entrega
E nas almas que volta ao firmamento.

Com que imensa doçura lhe aconchega
O seu cabelo a fronte, que é pequena,
Como é a fronte duma estatua grega.

Tal como a sua vida tão serena,
Sem uma contracção, sente-se, vendo-a,
Que nunca a revoltou nenhuma pena.

Achou toda a dor justa! E eu compreendo-a,
Vendo o meu proprio coração no fundo
Dos seus formosos olhos em amendoa.

Se neles nossas almas eu confundo,
Na luz do seu olhar, que não engana,
Existe um grande amor por todo o mundo.

Que suprema doçura dele emana!
E, olhando os olhos seus, julgo-os criados
P'ra reflectir toda a beleza humana.

Doce consolação de desgraçados,
Seu grande amor um outro amor condene-o
Sem ficarem os dois crucificados.

De Deus o seu espirito homogeneo,
Sendo a Venus de Milo, mas intacta,
É a forma viva do mais alto genio.

Mas não a sei eu dar; nada a retrata!
Se a comparo, a melhor comparação
Abandono-a por fraca e inexacta.

No lindo modo com que estende a mão,
Tão pequenina como branca e leve,
Parece que dá sempre o coração.

E, como o coração, a boca breve,
A sua fina boca o que é que tem
A mais que as outras, que se não descreve?!

Não sei que tem; só sei que se vê bem
Que nessa boca não passou jamais
Uma palavra amarga para alguem.

Em seus braços de neve esculturaes
Abre-se o grande abraço onipotente
Que funde as almas no amor dos mais.

Ligando-a a tudo que em mim sofre e sente,
Penso que o seu cabelo ha de enxugar
As lagrimas que chora toda a gente!...

Foi isto o que senti, quando ao cruzar
Comigo, nesse dia abençoado,
Misturamos a luz do nosso olhar.

Ficára todo o mundo iluminado!
Áquela voz, que toda a dor acalma,
Não haveria mais um desgraçado.

E eu vi, ao ve-la tão formosa e calma,
Os nossos corações num só reunidos
O corpo, emfim merecedor da alma,
A Beleza e o Bem emfim unidos!

II

Existia a ventura: era alcança-la!
Havia uma mulher: era merece-la
E ser feliz depois!
E em tudo quanto ouvia, a sua fala,
Eu achava este mundo, ao pensar nela,
Pequeno p'ra nós dois.

Dentão em diante, a vida ia ser calma!
E, ao ver nessa mulher, que era a mais linda,
O amor mais perfeito,
Sentia palpitar dentro da alma
A minha esperança com mais força ainda
Qué o coração no peito.

Chegou, emfim, o suspirado dia,
Em que a tive umas horas ao meu lado,
Receosa e contente;
E, emquanto eu lhe falava e ela me ouvia,
Tombava a tarde e ardia o meu passado
Com o sol no poente.

Dizia-me ela tudo o que sentiu,
Eu, escutando a sua voz tão linda,
Havia-me ajoelhado;
E corriam-me as lagrimas em fio
Mas d'alegria, as unicas ainda
Que não tinha chorado.

Ali ficamos largo tempo os dois,
As suas mãos nas minhas, confundido
O meu no seu olhar...
Quando voltou p'ra casa, horas depois,
P'ra todo o sempre tinha-se extinguido
O fogo do seu lar.

Como era triste aquela casa agora!
A propria luz entrava contrafeita,
Mal a reconhecia...
A alegria da vida estava fóra;
Faltava o ar; parecia mais estreita
E tão humida e fria!...

O coração batia-lhe apressado;
Nos seus olhos, que a febre incendiára,
Havia um grande brilho;
E poz-se a soluçar ao ver, a um lado,
O berço onde, a cantar, ela embalara
Tantas vezes o filho.

E lembrava-se dele em pequenino,
Deitadinho ou de pé nos seus joelhos,
Antes de adormecer,
Nos olhos grandes um clarão divino,
Cabelos d'oiro e os labios tão vermelhos
Como o sol ao nascer.

Tremendo a cada passo, encaminhara
Os seus passos incertos, dia a dia,
Com todos os extremos;
E fôra ela tambem quem lhe formára,
Mais tarde, o coração onde se via
O Deus em que ambos cremos.

Tombava a noite; a cada nova estrela
Aumentavam no peito os seus cuidados,
Redobrava o seu pranto...
E, p'ra o fundo da sala, numa tela,
Uns olhos muito abertos e parados
Viam-na com espanto.

Nunca soubera o que eram desenganos!
Como os olhos que a olhavam, não existe
Um coração mais franco!...
E via-se menina, aos quinze anos,
Entrando alegre numa igreja triste,
Coberta d'um veu branco.

Um bordado ficara sobre a mesa,
Onde havia uma rosa começada
P'la mão de sua mãi;
E essa rosa tambem estava presa
E, como aquela que a bordou, curvada
Sobre a haste tambem.

A sua mãi! Que santa tinha sido!
Como através da vida ela soubera
Sofrer sem o mostrar!
Ninguem lhe ouvira um unico gemido,
Sem uma sombra a sua face austera,
Tão austero o seu lar!...

É que não encontrara em certo dia,
Cheia a alma da fé que não engana
Mas sem uma ilusão,
Num desgraçado tudo em que ela cria,
Nuns olhos tristes toda a dor humana,
Deus num só coração.

No mundo, que não ama, alguem amava,
No mundo, que não sofre, contrafeito
Alguem soltára um grito;
Por essa boca o mundo respirava,
A paixão era eterna nesse peito
E o perdão infinito.

Então, abriu a porta de repente,
Depois desceu com apressados passos
E deitou a correr...
Quando parou, emfim, na minha frente
E se deixou cahir entre os meus braços
Eu julguei-a a morrer

Lagrimas santas d'emoção sincera,
Que julgo ver ainda nesta hora
Correr-lhe pela face!...
Se pudessem guardar-se, quem me dera
Te-las guardado, p'ra as mostrar agora
Como se eu as chorasse!

E ali, cercada pela natureza,
Em toda a sua graça e mocidade,
Era, tal como a via,
A ideia que eu formára da beleza,
A concepção que eu tinha da bondade
E o amor como o queria!

Cantavam rouxinoes dentre a espessura
Das arvores, que o céo todo estrelado
Enchia d'um clarão...
E palpitava um mundo de ventura
Nos braços que me tinham apertado
D'encontro ao coração.

Tão grande o nosso amor como sincero,
No fundo dos seus olhos tão leaes
Outra noite estrelada,
Ao medir a paixão com que lhe quero,
Via que só podia ama-la mais,
Se fosse desgraçada.

E, vestida com toda a singeleza,
Nem uma joia agora empobrecia
As suas mãos pequenas;
De tudo quanto fôra a sua riqueza
Á minha pobre vida ela trazia
O coração apenas.

Mas fugiam as horas... E tomamos,
P'ra chegarmos a tempo, ao nosso lado,
Um atalho sombrio...
Surgiu, ao longe, a lua dentre os ramos,
Cortou o ar um silvo prolongado,
O comboio partiu.

E, atingida a maior velocidade,
Dentro d'alma o maior contentamento
De que a alma é capaz,
Seguiamos os dois p'ra a felicidade,
A natureza toda em movimento,
O mundo para traz.

O amor era ainda alguma coisa,
Visto que, só por ele, eu merecia
Tudo quanto me deu!
E ela é o ponto no espaço onde repousa
Esta verdade, que ha de erguer um dia
O mundo até ao ceu.

Da janela da nossa carruagem
Vejo as aves fugirem ao barulho
Do comboio a passar...
Minha tristeza fica na paisagem,
Nos altos montes o meu pobre orgulho
E a minha dor no mar.

III

O amor, para que o seja eternamente,
Tem de sagra-lo, um dia, a posse; e, assim,
Só quando se entregou inteiramente
É que a senti inteiramente em mim.

A hora em que a encontrei é equivalente
Á hora amiga em que me disse — "sim";
Mas primeiro era Deus que eu via em frente
E depois era Deus que eu tinha emfim!

O nosso amor exactamente igual,
Não se fez mais ardente nem sincero,
Tornou-se mais humano e natural.

Da mesma forma continuo a ve-la:
E, quanto mais a vejo, mais espero,
Quanto mais se me dá, mais quero dela!

CARTA A UMA BRASILEIRA

. . . . . .

Ha horas que eu estou ao pé do mar sósinho...
Linda a noite, recorda uma noite d'Espinho...
P'ra o fundo do horisonte, afastam-se duas velas:
Irão para o Brasil? Quem me dera ir com elas!...
Nunca mais me verás, nunca mais te verei,
Mas tenho para ti beijos, que nunca dei,
E, no fundo de mim, esta necessidade
De, vivendo d'amor, não viver sem saudade!
Eras bela e eu moço, amamo-nos ou não
Mas julgamos amar, e este meu coração,
Que quer viver, que quer sofrer, que quer sonhar,
Ergue os olhos ao ceu e põe-se a recordar...
Tantos anos depois, vê como ele palpita!

Aperto-te ao meu peito e acho-te bonita,
Tal como outrora, o mesmo encanto e a mesma graça,
E estremeço, ao pensar na profunda desgraça
De te perder um dia, e perco-te e, por fim,
Tendo o mar entre nós, vejo-te ao pé de mim!
Recordar?! Não é só recordar o que eu quero
Mas os teus beijos, como os dás, com desespero,
O teu corpo tão fresco, os teus olhos sombrios,
As tuas mãos a arder, os teus pés sempre frios,
O arfar do teu colo, a ventura que grita
Essa boca tão doce e mil vezes bemdita
Entre todas, que têm passado a vida a amar,
Teu coração e, até ao fundo, o teu olhar,
Tudo o que é belo em ti, tudo o que é bom em ti,
O que eu vivi, o que eu chorei, o que eu sofri,
E, para além de tudo o que tão mal te digo,
O que só sei sentir e morrerá comigo!...

Tu amáras alguem no teu paiz; um dia
Disseste-mo. Era á tarde; ao longe, o sol morria
Sobre o mar que saltava ao cimo dos escolhos...
Agarrei-te nas mãos e procurei-te os olhos:
Era verdade, Julia? E, na negra ansiedade,
Dos teus olhos, eu vi que era tudo verdade.
Amáras outro e esse outro amara-te, por certo!

E tão perto de mim, como eu estava perto
De morrer, e ainda sinto a morte de o lembrar,
Sobre o meu peito, então, caiste a soluçar.
Pertenceras-lhe, sim! a tua carne fôra
Beijada d'outra forma e amada n'outra hora...
Essa pequena mão, que me estendeste, havia
De ter levado alguem ao prazer, á alegria,
Ao extasis, ao ceu, a tudo que eu não tinha
Nem podia sonhar, pois já não eras minha.

Vencida pela dôr, que a tudo nos impele,
Confessaste-me tudo; entregaras-te a ele,
Ias casar com ele... E o teu maguado olhar
Tinha uma onda de choro, a juntar ás do mar...
Não quiz escutar mais; afastei-me, fugi...
O que ia ser de mim?! o que ia ser de ti?!
Olhei p'ra o ceu e vi uma estrela sósinha...

Por um dia de sol, depois, tu foste minha.

Não tenho outra fraqueza igual na minha vida;
Nem eu sei como foi que te aceitei assim!...
P'ra te juntar a mim, sabendo-te perdida,
A que distancia Deus não estava de mim!

Quanto daria eu, para ter d'algum modo
Conseguido evitar essa dôr no passado?!
Quando me entregue a alguem, não posso dar-me todo:
Nem tudo que ha em mim merece ser amado.

Nada me dominou; bastou que tu chorasses,
No que, a distancia, agora, o coração me evoca,
Para que, ao enxugar-te as lagrimas das faces,
Um beijo me chamasse o sangue todo á boca

Quando, instantes depois, te vi desfalecida
E deitada ao meu lado, imensamente linda,
Tinha a minha razão ainda tão confundida,
Que julgava que nunca eu te tivera ainda.

Veio, em seguida, o luar encher a casa toda...
Soltei a minha mão do aperto da tua;
Levantei-me e fugi... Andava tudo á roda...
Depois, nem eu sei como, encontrei-me na rua,
A boca ensanguentada, a alma ensanguentada...

Eu era como os mais, tambem não era nada.

E, p'ra que recordar, agora, Julia minha,
Esses dias d'amor, distantes, em que eu tinha,

Mocidade Perdida

Como julgo ainda ter, no sonho em que me iludo,
Os teus braços em tudo, os teus beijos em tudo?!
Nem eu sei a paixão doida com que te quiz!
Fiz-te feliz? Não sei nem sei se fui feliz;
Eu sei que erguia a mão e que chegava ao ceu,
Que desejava tudo e que tudo era meu.
Ouvia-te falar? ouvia uma sereia;
Eu via uma mulher? achava-a sempre feia.
Quando morria o sol, para o tornar a ver,
Eu olhava p'ra ti e era o amanhecer!
Qualquer coisa envolvia a alma d'amargura?
Um sorriso dos teus enchia-a de doçura!
Para a minha paixão este mundo era estreito?
Eu juntava-lhe o ceu e ao ceu ainda o teu leito!

Um dia tu partiste. E nunca mais te vi;
Mas debalde tentava esquecer-me de ti.
E' certo que voltei muito depois a amar;
No entanto e meu desejo era apenas matar,
Sobrepondo uma dôr a outra enorme dôr,
No coração p'ra sempre o nosso grande amor.
Inutil! Foi em vão; tudo mo recordava,
O que eu nunca dizia, o abraço que não dava,
O beijo que hesitava em meus labios suspenso,
A caricia onde eu punha, a medo, o que ha de imenso,

Mulher alguma trouxe á minha amarga vida,
Balsamo que fechasse essa terrivel ferida!
Nem os olhos e a voz dulcissima d'Emilia,
Cuja sombra ainda vejo, em noites de vigilia,
Como vinda de Deus, e por seu intermedio,
A perguntar-me baixo: — O mal não tem remedio?
Nem o corpo gentil de Laura, de que eu queria
Encher de neve a terra e o mundo d'harmonia!
Nem os sonhos d'Ester, infantis, onde eu vejo
Debruçar-se p'ra mim o seu primeiro beijo,
Nem o amor de mais nenhuma criatura
Me dissipou da alma a triste noite escura,
Que me envolvera e que eu havia de trazer
Até este papel, p'ra ela o enegrecer . . .

Todavia ao lembrar o nosso amor, agora,
Eu sinto, o coração batendo como outrora,
Que, se te encontrasse hoje, eu voltaria a ser
O que fui para ti. Tantos anos volvidos
Depois de te perder, nenhuma outra mulher
Exerceu na minha alma e sobre os meus sentidos
A profunda impressão que lá deixaste. Nada
Aniquilou em mim a paixão exaltada
Com que te quiz e sem sentir nunca um cansaço . . .
O abraço que me cinge é sempre o teu abraço,

Sem jamais saciar, contudo, os meus desejos ...
Os beijos que me dão são ainda os teus beijos
Mas os que eu lembro e não aqueles, que eu queria
Da tua boca, em vez do sol de cada dia.

Se eu só a ti amei, só a mim tu amaste;
Ao grito da tormenta, a flôr tremeu na haste
Mas em breve voltou a sêr a que era dantes! ...
Fôras d'outro? Mas não, nos meus braços amantes,
Quer eu amasse bem ou quer amasse mal,
É que acordou, um dia, a tua alma imortal.
Tudo o mais fôra só a desgraça, a vertigem;
Tal como á tua alma, eu encontrei-te virgem!
Se houveras sido mãe, crê que nem mesmo assim
Tu tinhas pertencido a alguem antes de mim.
Toda a mulher conserva intacta a sua pureza
Até que o amôr vá despertar-lhe a natureza,
Iniciando-a, então, nos misterios da vida ...
Antes d'isso é uma flôr que ainda não foi colhida! ...

E que formosa noite! O ceu todo estrelado
É o mesmo que nós dois olhamos no passado
E que nos prometeu a mais larga ventura ...
A voz do mar, ao longe, é cheia da amargura
Com que tu me fizeste a tua confissão ...

A este mesmo luar, dei-te o meu coração...
O suspiro da brisa é um suspiro dos teus;
E no ceu, e na terra e em toda a parte Deus!...
Que ele encha d'alegria a tua vida inteira,
Pagando-te por mim, hoje, d'essa maneira,
Não as consolações imensas que me deste,
Atraves da paixão que eu tive e tu tiveste,
Mas o mais que te deve a minha mocidade,
A quem tu ensinaste, um dia, o que é a saudade.

O MEU TORMENTO

Duvido, sim, duvido! Confessa-lo,
Deixa-me em sangue os labios e a tremer . . .
Mas, se eu sinto essa dôr, meu Deus, deixa-lo,
Embora ela me esmague, hei de a dizer.

Hei de a dizer, com tudo o que ela encerra,
A formidavel dôr, que me esfacela;
A vida do poeta sobre a terra
É de quem queira debruçar-se nela.

É de todos a luz e a escuridade
E tudo que eu chorar e a que sorrir;
Nada é só meu, e ter uma verdade
E cala-la, guarda-la, é já mentir.

Duvido, sim, duvido! E um desespero
Toma tudo o que esta alma pensa e sente;
É uma certeza apenas o que eu quero
E ha tanto que eu a busco inutilmente!...

Á minha pobre vida dolorida
Chegou, ha muito, uma mulher qualquer;
E tudo, que até ali me dera a vida,
Aniquilou-mo a mão dessa mulher.

Eu tinha pouco mais do que vinte anos
Mas, dentro em mim, havia já tambem
Toda a tristeza e os grandes desenganos
Que só ao pé da morte todos têm.

Amara, fôra aceite e abandonado;
Amei de novo e abandonei então;
E era esta noite todo o meu passado,
E o meu presente esta recordação.

Levava-me um desejo a outro desejo,
Pedia-me um cansaço outros cansaços...
Mas era afinal sempre o mesmo beijo,
Apertavam-me sempre os mesmos braços.

Até que um dia — como dizer isto!? —
Entre as miserias que este mundo encerra,
Vi alguem, como nunca houvera visto
Nem sonhara que havia sobre a terra.

A mais alta e serena inteligencia
Guiava o coração mais recto e puro;
Deus dera-lhe o melhor da sua essencia,
Era outro sol mas sem um ponto escuro.

Um dia, em que me puz a olhar em roda,
Foi ela apenas que eu achei ao lado;
Eu resumira nela a vida toda,
Todos os outros tinham-me deixado.

Assim devia ser! Mas principia
Aqui um longo periodo d'horrores...
Eu queria vêr onde ela chegaria
E, p'ra o saber, não lhe poupava dôres.

Mas, se lhe impunha um sacrificio, logo
Lembrava outro e outro p'ra fazer;
E quanto amôr naquele olhar de fogo!
E quanto goso nesse padecer!

Anos passaram; essa criatura
É tal qual era no primeiro instante,
Nos mesmos olhos sempre igual doçura,
O mesmo eterno coração amante.

Ora isto é falso! É impossivel! Nada
Me deixa acreditá-lo. É uma mentira!
Tem revolta uma pedra esmigalhada;
Quando arrancada, até a flôr suspira.

O excesso de luz, que lhe dimana
Do peito, só me acusa escuridade;
Essa resignação não é humana,
Não é propria do barro essa bondade.

Mas se eu erro afinal?... E que amargura
Ha no fundo do meu estranho amôr!
O que p'ra toda a gente era a ventura,
Tinha de ser p'ra mim ainda uma dôr!

NO MAR

Deu agora o sinal: é a hora da partida...
Dentro em minutos vai largar o meu vapor...
E sobre um mar revolto, assim como o da vida,
Eu sinto que me toma uma infinita dôr.

Perdida toda a esperança e toda a fé perdida
No que dentro de nós existe de melhor,
Vou... sei lá p'ra onde vou! A alma desiludida,
O que m'importa a mim?! Seja para onde fôr!

Mas que funda saudade o meu coração tem,
Ao vêr sumir-se agora, ao longe, a terra linda,
Em que eu nasci e amei, duas vezes minha mãe!

Como está negro o ceu!... Começa a entardecer...
E, num supremo adeus a tudo que amo ainda,
Eu e o sol, sobre o mar, ambos vamos morrer.

Coração! coração! sobe-me aos ombros!
Vê se enxergas p'ra alem, entre os escombros
Da vida, a aurora que buscaste em vão!
Nada vês? Nada vês? Toma sentido!
Nem um raio de luz? Tudo perdido?

Então, perdôa e morre, coração!

— Uma luz! Uma luz! gritas tu, perto...
É nos teus olhos que ela está por certo!
Ilusão! Coração, vai-te matar!...
Mas tu dizes que é um astro? que é uma estrela?
Anda, palpita, vai, corre p'ra ela...

Terás tu forças para lá chegar?...

INDICE

INDICE

Dedicatoria 7
Adoração 11
Dor infinita 21
Ultima esperança 27
Tristeza imensa 29
Amor eterno 33
Maria 37
Carta a uma brasileira. 59
O meu tormento. 67
No mar 73
Coração! coração! 75

Tipografia Torres — Largo do Terreirinho, 35 — Lisboa

Do Autor:

LIVRO D'AMOR *(2.ª edição)* esg.
MOCIDADE PERDIDA *(2.ª edição).*
SAUDADES DO CORAÇÃO — esg.
ALMA TRISTE — esg.
SONETOS D'AMOR — esg.
O MEU LIVRO — esg.

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00001420251